

JERUSALÉM VISTA PELOS CORAÍTAS (SL 46)

Tércio Machado Siqueira

Não é difícil perceber que, entre o povo bíblico, havia diferentes maneiras de celebrar Deus e, conseqüentemente, várias formas de articular e expressar a fé. Elias, Amós e Oséias mostram uma tendência teológica marcada pelas tradições em torno de Moisés, Êxodo e Sinai. Parece que Jerusalém não fez parte de suas maiores preocupações teológicas. Isso não quer dizer que desconheciam a importância política e teológica de Jerusalém. Por outro lado, Miquéias e Isaías possuem ênfases diferentes dos profetas do Norte. Miquéias, profeta dos camponeses do sul de Canaã, Judá, tem na história de Davi sua maior fonte de influência. Ele e os seus companheiros – que ele chama de “meu povo” (1,9; 2,4.8.9; 3,3.5) – celebraram em Jerusalém as principais festas do calendário litúrgico. Enquanto isso, Isaías mostra um especial apreço por Jerusalém, que em determinados textos chega a mostrar uma profunda reverência mística (Is 29,1-8), ao contrário do que fez Jeremias, cem anos depois (cf. Jr 7,1-15). Isaías é um dos principais promotores da idéia que Jerusalém é o lugar escolhido por Javé para governar os povos. Alguns salmos ampliaram essa teologia (Sl 2; 46; 48, entre outros), promovendo, entre as pessoas ligadas à cidade, um sentimento de veneração e devoção pela cidade (Sl 87; 122; 125; 128; 137).

Dessa forma, o Salmo 46 deve ser lido a partir da teologia desenvolvida e promovida pelos moradores/as e freqüentadores/as de Jerusalém, como centro nacional do culto javista. A intenção deste estudo não é usar os recursos exegéticos disponíveis para sanar todas as dúvidas possíveis. O objetivo, na verdade, é levantar questões que possam abrir caminho para uma reflexão pastoral.

1. O texto do Salmo 46 (tradução própria)

¹Para o dirigente. Para os filhos de Coré. Sobre ‘*alamot*. Uma canção.

²Elohim é, para nós, um refúgio,
uma força,
uma ajuda nas angústias muito encontrada.

³Por isso, não temeremos no transtornar da terra,
e no vacilar das montanhas no coração dos mares.

⁴Bramam e espumem suas águas;
estremeçam as montanhas em sua altivez. *Sela.*

⁵Um rio, seus canais alegam a cidade de Elohim, santa morada de Elion.

⁶Elohim no meio dela, não é abalada;
Elohim a ajuda a tomar a direção da manhã.

⁷Bramem nações,
tremem reinos;
Ele dirige sua voz;
derrete-se a terra.

⁸Javé das hostes está conosco:
um lugar elevado para nós é Elohim de Jacó. *Sela.*

⁹Vinde! Vejam! das obras de Javé que pôs assombros na terra:

¹⁰Ele põe termo à guerra até a extremidade da terra;
destrói a arca;
corta fora a lança;
carros queimam no fogo.

¹¹Façam cessar e saibam:
eis que! Eu sou Elohim;
Eu serei exaltado entre as nações;
Eu serei exaltado na terra.

¹²Javé das hostes está conosco:
um lugar elevado para nós é Elohim de Jacó. *Sela.*

2. A forma do Salmo 46

Este salmo apresenta uma estrutura literária similar a um cântico litúrgico. Trata-se de um hino comunitário, isto é, cantado por todas as pessoas na celebração. Seria uma composição coletiva, criada pelo povo celebrante? Certamente, pois uma criação coletiva para ser entoada numa celebração comunitária ajudaria a ver o culto, em Jerusalém, de uma forma mais participativa. O Salmo 46 mostra, com nitidez, este detalhe. E essa é uma indicação significativa para a compreensão deste salmo. Todavia, o que importa, agora, é analisar a forma com que a linguagem deste salmo se apresenta. O cabeçalho ou título não será levado em consideração pelo momento, pois, provavelmente, ele não faz parte da composição original. Assim esclarecido, resta ao intérprete tomar o verso 2 que constitui o núcleo do credo de fé, afirmado pelo povo celebrante num determinado momento da história bíblica.

*Elohim (é) para nós um refúgio,
uma força,
uma ajuda nas angústias... (v. 2).*

Os versos que seguem (v. 3-7 e 9-11) possuem a mesma intenção, a saber, substantiar, com argumentos concretos e práticos, a afirmação básica (v. 2): os versos 3-7 mostram algumas das razões pelas quais a comunidade deve confiar e perseverar na sua fé em Deus, bem como buscar Jerusalém para observar o calendário de festas; os versos 9-11 avançam na argumentação com um hino que enumera a vitória de Javé sobre os inimigos. Com isso, os/as celebrantes fiéis são incentivados a não temerem qualquer angústia provocada por ameaças externas, seja desastres naturais ou invasão

inimiga. Dois refrões levam a comunidade de celebrantes a memorizar duas lições básicas para o momento histórico deste salmo: primeiro, Elohim é refúgio, força e ajuda para todos/as; segundo, Jerusalém, a santa morada de Elohim, é o lugar que dá segurança para os/as crentes.

3. Comentário

3.1. Sobre o título (verso 1)

O título do Salmo 46 possui, pelo menos, duas informações interessantes. Basicamente, estas expressões – “*Do mestre de canto. Dos filhos de Coré. Com oboé. Cântico*” (conforme a “Bíblia de Jerusalém”) – referem-se a termos técnicos musicais. Entretanto, dois deles precisam ser analisados. Em primeiro lugar, a palavra hebraica ‘*al-‘alamot*’ é de difícil explicação. Além de ocorrer neste salmo, este termo foi citado em 1Cr 15,20. Entretanto, em dois outros salmos (9,1 e 48,15), ocorre ‘*al-mut*’, uma forma aproximada. Várias hipóteses têm sido levantadas, sem que se encontre uma solução satisfatória. Contudo, é interessante perceber que este termo pode ter sua origem na palavra ‘*almah*’, cujo significado é “mulher jovem”. Gerstenberger acrescenta que o termo ‘*al-‘alamot*’ poderia ser entendido como “com uma voz de donzela”¹. Por sua vez, De Vaux faz uma interessante observação sobre a possibilidade de participação feminina nos serviços litúrgicos, em Jerusalém. Ele entende que a ocorrência do termo ‘*al-‘alamot*’, no Salmo 46, pode indicar a presença de coristas do sexo feminino, no Templo². Isso não está longe da verdade, pois Esdras menciona a presença de mulheres entre os coristas que regressaram do exílio na Babilônia (Esd 2,65). Todavia, tem prevalecido a idéia de que este termo tem a ver com um instrumento ou tom musical³. Enfim, é preciso buscar mais fundo o significado desta palavra, pois esta é a sina maior do exegeta.

A segunda expressão contida no cabeçalho do Salmo 46 é “dos filhos de Coré”. A expressão hebraica aponta para a tradução “para os filhos de Coré”. Esta referência coloca o Salmo 46 como parte de uma coleção de hinos (conferir Salmos 42–49; 84–85 e 87–88).

Seria difícil afirmar que essa coleção pertenceu a um único compositor, mas é possível pensar que esses hinos faziam parte do repertório de crentes javistas que peregrinavam juntos fielmente para atender as principais celebrações do calendário litúrgico, no Templo de Jerusalém (Ex 23,14-17). Os salmos 42; 43; 47; 48; 84 e 87 mostram uma familiaridade com as cerimônias litúrgicas no Templo. Particularmente, o Salmo 84 sugere que os coraítas eram cantores e peregrinos que visitavam o espaço sagrado do Templo, em Jerusalém (conferir versos 5-11; Sl 42; 48). Provavelmente, esses fiéis javistas pertenciam ao sacerdócio levita servindo nas proximidades de Hebron, no sul do território israelita.

1. Gerstenberger, Erhard. *Salmos*. Vol. I. São Leopoldo: FT/IECLB, 1982, p. 190-195.

2. De Vaux, Roland. *Instituciones del Antiguo Testamento*, p. 491-493.

3. Kraus, Hans-Joachim. *Psalms 1–59*. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1988, p. 31.

Três razões levam a esta suposição: primeiro, as escavações arqueológicas, realizadas em Arad entre 1962 e 1967, encontraram um pedaço de cerâmica contendo uma relação de nomes, incluindo a inscrição “Filhos de Coré”. Segundo, a maioria das informações fornecidas pelo Historiador Cronista (1Cr 9,19-31; 26,1; 2Cr 20,1-30 entre outras) sugerem essa relação da família Coré com as cercanias da cidade de Hebron. Terceiro, é sabido que os reis de Israel e Judá mantiveram, nas fronteiras de seus territórios, templos javistas que eram assistidos pelos sacerdotes levitas. Pelas descobertas arqueológicas em Arad, é possível constatar que o Templo, ali construído, guarda o desenho arquitetônico do Templo de Jerusalém. Tais descobertas levam a suspeitar que os “Filhos de Coré” faziam parte do serviço sacerdotal levita na região de Hebron, particularmente em Arad.

3.2. O conteúdo do Salmo 46 (versos 2-12)

Esta composição se inicia com uma longa afirmação de fé (v. 2-6), encabeçada por uma declaração muito sugestiva: “*Elohim é para nós um refúgio...*” Contudo, ela chama a atenção dos/as leitores/as por causa do detalhe comunitário de sua formulação. Poucos salmos usam o pronome “nós” junto ao substantivo “refúgio” (cf. Sl 33,20; 81,2). Além disso, o pronome “nós” sugere que esta canção envolve toda a comunidade.

Diante disso, duas observações se fazem necessárias: primeiro, a ocorrência do verbo *refugiar-se* (*ḥasah*) e do substantivo *refúgio* (*maḥaseh*) (v. 1a), no Antigo Testamento, aponta para uma acentuada tendência litúrgica na comunidade. Isso leva a crer que este hino era cantado por todas as pessoas nas celebrações; segundo, o que chama atenção nesta declaração de fé é o número do pronome, já que o seu emprego nos salmos 72,2; 11,1; 16,1; 31,2; 61,4; 144,2 ocorre na primeira pessoa do singular⁴. As poucas ocorrências do plural, junto à palavra *refúgio* (*maḥaseh*), estão nos salmos 46,2; 33,20; 81,2. A formulação do verso 2 fornece a tonalidade para o restante da composição, a saber, uma canção comunitária que expressa muita confiança em Javé, o Deus que mora em Jerusalém e a guarda.

Depois das afirmações iniciais de fé da comunidade em celebração (v. 2-3), a composição segue com quatro versos descritivos insinuando um sentido mitológico (v. 4-7). A maioria dos exegetas afirma a influência da mitologia sobre a linguagem deste salmo, porém é preciso analisá-lo com mais profundidade, pois, a princípio, a linguagem empregada aponta para outra tradição. Por exemplo, enquanto os versos 2 e 3 revelam uma linguagem mais eclética, os versos seguintes empregam termos reservados a um grupo específico de teólogos que se localizavam na cidade de Jerusalém do período pós-exílico.

Aqui, vale a pena abordar, ainda que rapidamente, a teologia de Sião veiculada por alguns salmos, provavelmente, produzidos por um específico grupo de teólogos ligados a Jerusalém.

4. Gerstenberger, Erhard. *Refugiar-se* (*ḥsh*). In: *Diccionario Teológico Manual del Antiguo Testamento*. Vol. I, p. 861-864.

Inicialmente, é importante salientar que este é o primeiro salmo de uma série de hinos dedicados a Sião (Sl 46; 48; 76 e 87). A tradição de Sião tem uma história. Sua origem está em torno da pessoa de Davi que conquistou a cidade de Jerusalém das mãos dos jebuseus, em torno do ano 1000 aC. Com um hábil gesto político, ele levou para a cidade a Arca, procurando legitimá-la como o centro religioso mais importante da fé javista (2Sm 5,1–6,23). Ao lado desse habilidoso gesto político, Davi planejou transformar o antigo centro religioso dos cananeus em um espaço onde Javé deveria morar e governar o mundo. Para tanto, era necessário que esse grupo sionita criasse mais um fato espetacular que viesse a impressionar as futuras gerações. O prestigiado profeta da corte, Natã, deu então formas definitivas aos fundamentos dessa tradição ao pronunciar o oráculo que autorizou Davi a construir uma casa para ele e para Javé (2Sm 7,1-29). O ponto culminante da tradição de Davi, particularmente fundamental para a Teologia de Jerusalém-Sião, está nos capítulos 5, 6 e 7 de 2Samuel.

Quanto às idéias, supostamente míticas, expostas no Salmo 46,3-10, certamente fazem parte da forte tendência ideológica que foi estimulada e intensificada pelo grupo sionita, uma espécie de associação ligada à monarquia judaíta. Essa ideologia estendeu fortes raízes no culto, em Jerusalém. Comparando dois fatos concretos da história de Israel, é possível acreditar que o Salmo 46 não usa uma linguagem fortemente mítica quanto pode parecer. Três situações históricas podem ampliar o entendimento desta composição.

Primeiro, uma das afirmações deste hino está no verso 5 – *“um rio, seus canais alegram a cidade de Elohim...”* – e precisa ser analisada à parte da compreensão mitológica que este hino mostra. Historicamente, Jerusalém nunca teve abundância de água dentro de seus muros. Evidentemente que o pouco, numa situação de escassez, é visto, euforicamente, como muito. Parece que esta era a verdade, isto é, o que acontecia aos olhos do autor ou autores do Salmo 46. Tudo faz supor que a expressão *“um rio, seus canais alegram a cidade...”* refere-se à Fonte Gion, localizada junto à conhecida “Cidade de Davi”. As águas dessa fonte abasteciam e continuam servindo Jerusalém com seu líquido límpido e saudável. A conquista de Jerusalém, empreendida por Davi, deu-se através desse canal (2Sm 5,6-9). Ainda hoje, a Fonte Gion mantém um significativo fluxo de água correndo pelos mesmos canais que secretamente abasteciam de água potável a cidade, sem que os moradores de Jerusalém tivessem que sair fora dos seus muros para colhê-la. Por essa razão, a comunidade cantava com muita convicção:

*Um rio,
seus canais alegram a cidade de Elohim...
Elohim está no meio dela,
ela não será abalada;
Elohim a ajuda... (v. 5-6).*

Elohim e a cidade de Jerusalém têm ligações e compromissos fortes que envolvem a concretização da paz na vida das pessoas que freqüentam o espaço sagrado. A presença da corrente de água numa situação adversa é vista pelo salmo como um sinal concreto do refúgio, força e ajuda de Deus.

Segundo, os versos 3-4 usam três diferentes verbos para expressar um terremoto – *transtornar* (*mwr*), *vacilar*, *tremor* (*mwt*) e *abalar* (*r'x*). A fixação do autor/a em um abalo sísmico, na crosta terrestre, é muito forte. Não seria essa preocupação o indício de algum acontecimento trágico que marcou profundamente o autor/a? Por exemplo, os editores das pregações do profeta Amós fizeram uma observação muito interessante no cabeçalho de seu livro *Palavras de Amós... dois anos antes do terremoto* (1,1)⁵. Não estaria a autoria do Salmo 46 entre os que viveram, direta ou indiretamente, o drama do terremoto nos meados do século VIII aC? Como os efeitos desse terremoto não atingiram a cidade de Jerusalém, era normal que o povo de Judá visse este fato como uma proteção divina.

A terceira situação histórica mostrada pelo Salmo 46 está na afirmação que Javé põe termo à guerra; Ele é Javé das Hostes (*Yhwh šeba'ot*). A ligação entre o Javé das Hostes e o Javé que põe termo à guerra é próxima e histórica. Entre os estudiosos, há muita concordância em que o nome *Yhwh šeba'ot* e a tradição da Arca tiveram suas origens em Silo, e que juntos se constituíram no símbolo da proteção de guerra para o povo. Após o fim do Reino do Norte (722 aC), os levitas, que viviam nessas cercanias, abrigaram-se em Jerusalém, levando com eles uma rica tradição que, mais tarde, seria adaptada para a realidade do Sul, bem como para a situação pós-exílica. A canonização deu-se após essa possível releitura. Um bom exemplo desse processo está no “oráculo divino” (v. 11). A fórmula de auto-apresentação, de modo bastante significativo encabeçada pela expressão *eis que* (*ki*), mostra um complemento alterado, talvez para atender à linguagem sinagoga (comparar com a fórmula “Eu sou Javé”, de Ex 3,14). De qualquer forma, o lugar vivencial mais apropriado para a euforia de hinos como o Salmo 46 é o período de Ezequias, quando o povo estava feliz com as reformas efetuadas e confiante com a impossibilidade de os assírios invadirem e destruírem Jerusalém (701 aC).

Portanto, a possível linguagem mítica do Salmo 46 fica por conta das releituras ocorridas no período persa, anterior à sua canonização. O núcleo original deste salmo vem do final do século VIII aC.

Os refrões – “*Javé das Hostes está conosco, um lugar de refúgio para nós é Elohim de Jacó*” (v. 8 e 12) – reafirmam duplamente a convicção dos coraítas que assinaram este salmo. Os refrões repetem o que já tinha sido dito, com outras palavras, no verso 2. Para os coraítas, a crença em torno de Sião girava em torno de diversos conceitos: Javé escolheu Sião como sua morada definitiva; no Monte Sião, Ele estabeleceu sua morada na forma de templo; em Jerusalém, Deus reinou como rei; por fim, os coraítas também criam que a cidade sagrada e o seu Templo gozavam de proteção divina.

Por fim, vale a pena tentar entender a expressão *selah* (v. 4.8.12). Observando a posição dessa incrível palavra, neste salmo, torna-se muito difícil sugerir uma explicação segura para esta expressão. Contudo, arriscar é preciso. Primeiro, *selah* ocorre 71 vezes no Texto Massorético (na Septuaginta, 92 vezes); excetuando três ocorrências em Habacuc (3,3.9.13), todas aparecem no livro de Salmos. As três ocorrências da di-

5. Schwantes, Milton. *Amós*. São Leopoldo/Petrópolis: Sinodal/Vozes, 1987, p. 11-20.

fácil e, até então, intraduzível expressão hebraica *selah* causam uma certa frustração. O surpreendente é a ocorrência tripla em apenas oito versos. Todavia, como deve ser vista a presença de *selah*, particularmente no Salmo 46? Pelo uso exclusivo das composições poéticas, há um consenso em afirmar que *selah* é um termo técnico para música ou recitação. Entretanto, a exegese tem levantado algumas interessantes conjecturas: primeiro, *selah* teria sua raiz no verbo *erguer, levantar a voz ou os olhos (sll)*. Nesse caso, a ocorrência de *selah* indicaria uma ordem do regente do coral para elevar a voz, ou também poderia ser uma ordem para os celebrantes colocarem-se em pé? A dificuldade está na relação entre o substantivo *selah* e a raiz do verbo *levantar (sll)*. Uma segunda opinião diz que *selah* teria sua origem na raiz aramaica *slh, curvar-se em oração*, o que era um costume entre os sumérios e continua sendo entre os árabes. Diante desse impasse, três freqüentes hipóteses podem ser levantadas: 1^a) seria um interlúdio doxológico; 2^a) orientação do dirigente para repetir a estrofe; 3^a) indicação para que o celebrante se curvasse diante de Deus. Contudo, é interessante perceber que todas as ocorrências do termo *selah* coincidem com a celebração cúltica.

4. Algumas conclusões

O Salmo 46 está incluído entre os hinos de Sião, junto com os Salmos 48; 76; 87; 125, entre outros. A maioria esmagadora dos/as exegetas tem esta opinião. Contudo, foram levantadas, neste estudo, algumas questões que devem merecer do/a leitor/a uma atenção especial. Tem-se a impressão que grande parte dos/as pesquisadores/as aceitam e repetem determinadas conclusões já feitas, sem o cuidado de buscar o real significado delas. Aqui, no Salmo 46, a pretensão não é negar tudo o que já foi dito, mas tentar encontrar outros caminhos para a compreensão dessa composição.

Primeiro, a enigmática expressão *'al-'alamot*, citada no cabeçalho, que é freqüentemente entendida como um termo musical, deve ser melhor pesquisada, já que há indicações bíblicas de que as mulheres tinham participação ativa em algumas celebrações cúlticas, no período pós-exílico (Esd 2,65). Como esses cabeçalhos foram acrescentados ao salmo, provavelmente no período da editoração e canonização, seria possível traduzir a expressão *'al-'alamot* como “*com a voz de jovens mulheres*”.

Segundo, é correto entender este salmo como um hino de Sião. Entretanto, é preciso buscar, além da mera letra, algumas informações preciosas que podem enriquecer o sentido da intenção desta composição. O que estaria por detrás das palavras da convicção de que Sião é inexpugnável? Seria uma atitude fanática, presa às emoções de um peregrino? As expressões desse hino devem ser analisadas à luz da história da tradição desenvolvida em Jerusalém e do grupo “levita-coraíta”.

Terceiro, a afirmação de que essa composição possui uma densa linguagem mitológica⁶ precisa ser analisada com mais profundidade. O Salmo 46 contém dados históricos que são obscurecidos pela simples afirmação de que ele pertence ao gênero literário “hinos de Sião”, e que a teologia de seus compositores recebeu muita influên-

6. Hayes, John H. *Understanding the Psalms*. Valley Forge: Judson Press, 1976, p. 46-52.

cia da mitologia, babilônica especialmente. Em consequência disso, a composição é colocada no período pós-exílico. Entretanto, muitos de seus argumentos básicos têm referência na época anterior ao exílio, já que seria inapropriado, para o/a autor/a, afirmar que Jerusalém é inexpugnável e imbatível, numa data após a destruição da cidade. Evidentemente, não se pode negar que este salmo recebeu adaptações para atender às necessidades do período pós-exílico.

Quarto, infelizmente pouca atenção é dada à definição que a composição tem de seu Deus. O Deus definido neste salmo não é caracterizado por expressões teóricas. De forma preponderante, Elohim/Javé é mostrado como um Deus que acolhe, que dá força e expressa concretamente ajuda nos momentos de medo e vacilo do seu povo (v. 2, conforme v. 4.8.12). Por outro lado, pouco se tem avaliado e comentado sobre o verdadeiro lugar vivencial desse salmo. A maioria dos/as comentaristas está segura de que o ambiente é a celebração pós-exílica, em Jerusalém. Porém, seria muito mais rico para a exegese, analisar o lugar vivencial desse salmo a partir dos momentos de angústia provocados pelas ameaças de invasão do exército assírio e o conseqüente livramento providenciado por Javé.

Bibliografia

BORTOLINI, José. *Conhecer e rezar os Salmos*. São Paulo: Paulus, 2000.

DE VAUX, Roland. *Instituciones del Antiguo Testamento*.

GARCIA MARTINEZ, José Maria (org.). *Os Salmos*. São Paulo: Paulinas, 1998.

GERSTENBERGER, Erhard. *Salmos*. Vol. I e II. São Leopoldo: FT/IECLB, 1982.

— *Refugiar-se (hsh)*. In: *Diccionario Teológico Manual del Antiguo Testamento*, Vol. I.

— *Psalms. Part 1 – With an Introduction to Cultic Poetry*. Vol. XIV (FOTL). Grand Rapids: W.B. Eerdmans, 1988.

GONZÁLEZ, Angel. *El Libro de los Salmos*. Barcelona: Editorial Herder, 1984 [Biblioteca Herder].

HAYES, John H. *Understanding the Psalms*. Valley Forge: Judson Press, 1976.

KRAUS, Hans-Joachim. *Psalms 1–59*. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1988.

MANNATI, M. *Para rezar os Salmos*. São Paulo: Paulinas, 1981 [Cadernos Bíblicos].

SCHÖKEL, Luís Alonso & CARNITI, Cecília, *Salmos*. Vol. I. São Paulo: Paulus, 1996 [Grande Comentário Bíblico].

SCHWANTES, Milton, *Amós*. São Leopoldo/Petrópolis: Sinodal/Vozes, 1987.

STADELMANN, Luís I.J. *Os Salmos – Estrutura, Conteúdo e Mensagem*. Petrópolis: Vozes, 1983.

Tércio Machado Siqueira
Universidade Metodista de São Paulo – Teologia
Rua do Sacramento, 230
09640-000 Rudge Ramos, S. Bernardo do Campo, SP
E-mail: tmsiqueira@uol.com.br